



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

**UM OLHAR, DOIS SERTÕES, VÁRIOS NATIVOS: A TRAJETÓRIA DO
CONDE MAXIMILLIAM VON WIELD-NEUVIELD PELO INTERIOR DO BRASIL E
DOS ESTADOS UNIDOS NO SÉCULO XIX**

Zenildo Soares de Souza Junior²⁰⁹
(UESB)

Washington Santos Nascimento
(UESB)²¹⁰

RESUMO

Este trabalho tem por propósito fazer uma discussão comparativa sobre os relatos de viagens produzidos pelo Príncipe Maximilian Von Wied-Newied em suas viagens pelo interior baiano, analisados comparativamente com seus relatos sobre a região do rio Missouri nos Estados Unidos. Procuraremos discutir as representações do “sertão” e dos indígenas em seus dois relatos procurando identificar elementos de congruência e de dessemelhanças.

INTRODUÇÃO

Usualmente, o estudo dos processos coloniais nas Américas considera as especificidades dos projetos espanhol, português, inglês, francês e holandês. Apenas em circunstâncias muito precisas – casos em que se verificam sobreposições, confrontos e rivalidades entre as potências coloniais,

²⁰⁹ Graduado em História. Aluno do curso de Especialização em Educação, Memória e Cultura/MuseuPedagogico –UESB. Email: nilton_soares@hotmail.com.br

principalmente – é que são examinados conjuntamente detalhes e eventos simultâneos em diferentes cenários.

Todavia, é certo que em diversos momentos e em contextos variados, pode-se perceber o curso concomitante da apropriação territorial em diferentes partes do continente por parte dos europeus, bem assim as influências exercidas por uns sobre os demais, tendo essencialmente a Europa como elemento concentrador/difusor de tais influências. Conhecer estas ocasiões e situações em mais detalhe, de um modo que não é usual na produção historiográfica, oferece a oportunidade de perceber nuances e contrastes localizados sobre muitos aspectos da formação das sociedades coloniais, tendo como elemento de referência o universo de onde emanava, na época, o padrão de organização civilizacional – isto é, a própria Europa.

É esta a possibilidade oferecida pela passagem de cientistas, estudiosos e mesmo simples aventureiros europeus, que, especialmente no decorrer do Século XIX empreenderam diversas expedições a regiões dos domínios coloniais americanos. Dos seus relatos e observações é possível extrair um painel histórico importante sobre o estágio em que se encontrava o desenvolvimento das iniciativas européias, assim como conhecer detalhes do ambiente natural (incluídos nessa definição, com alguma reserva, os povos nativos) em uma etapa posterior já em mais de três séculos ao contato com os colonizadores.

O tema deste breve estudo destaca um episódio particular – as viagens realizadas pelo príncipe alemão Maximilian de Wied-Neuwied – singular por ter visitado o Brasil (meados da década de 1810) e os Estados Unidos (anos 1830), proporcionando, com os relatos que publicou após cada viagem, um interessante painel comparativo da colonização européia em ambos os cenários, em estágios praticamente simultâneos.

²¹⁰ Professor do Departamento de História. Email: washington_docencia@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

É preciso ressaltar que o ciclo de viagens e “reportagens” – expressão que à época designava os relatos de grande circulação, publicados pelos exploradores – distingue-se acentuadamente de fenômeno análogo, que se seguiu às descobertas propriamente ditas, e ocorreu, principalmente, a partir de meados do Século XVI. Naquela altura, a motivação dos viajantes/narradores quase invariavelmente assumia a configuração de propaganda, visando atrair migrantes para povoar as novas terras. Ou, ainda, atendia à determinação de autoridades metropolitanas, desejosas de conhecer pormenores estratégicos de suas novas possessões, como instrumento para organizar a ocupação e a exploração.

O que se passou no Século XIX teve outro perfil. As iniciativas estavam muito mais relacionadas a outro tipo de motivação, a saber, o vigoroso entusiasmo despertado pela renovada onda de racionalismo derivada da revolução científica que varreu a Europa. Na ocasião, a ausência de estatutos metodológicos elaborados estimulou uma variedade de indivíduos, com lastro acadêmico de consistência relativa, a enveredar pelos caminhos da investigação científica, emulando os padrões estabelecidos por alguns pioneiros e, a partir daí, firmando princípios de pesquisa que o debate epistemológico se encarregaria de aprimorar.

Em essência, o trabalho destes “amadores” – embora se faça necessário registrar que diversos deles eram dotados de considerável reputação como cientistas e, principalmente, naturalistas – serviu para a fixação de bases permanentes de aplicação prática dos métodos elaborados conjuntamente com as definições e os conceitos das novas ciências. Nessa perspectiva, as viagens de estudos representaram a adoção das regiões visitadas como campo de observações e, em menor grau, experimentações inspiradas pelas novas idéias.

Por outro lado, alguns autores recentes consideram que os viajantes exploradores eram movidos por correntes de idéias associada, sim, ao modernismo científico, porém relacionadas, também, a correntes românticas que se

identificariam, de forma crescente, ao etnocentrismo e ao reacionarismo pós-revolucionário e da época da Restauração.

Este é o ponto de vista, por exemplo, de Harry Liebersohn, para quem o fenômeno esteve impregnado de uma visão da aristocracia como a condição natural do homem diante do tumulto e decadência de um tempo histórico, referindo-se à visão complacente dirigida às sociedades indígenas americanas, contrastando com uma perspectiva trágica do custo humano da colonização do novo continente. Paradoxalmente, então, a motivação dos viajantes combinaria, por uma vertente, à aceitação do conceito cientificista que pretendia o triunfo do conhecimento racional – por definição modernizante – e, por outra, à expressão de inclinações nostálgicas e anti-progresso.²¹¹

O príncipe Alexander Philipp Maximilian pertencia a uma tradicional família aristocrática alemã, governante do palácio de Wied-Neuwied, perto de Koblenz, na junção dos rios Reno e Mosela, onde nasceu em 23 de setembro de 1782. O Príncipe de Wied era apenas um, dos mais de 300 governantes e aristocratas independentes de uma Alemanha ainda distante da unificação. O principado foi anexado durante as guerras napoleônicas a um dos muitos satélites alemães do Império francês, e, a partir de 1815, foi incorporado à Prússia.

Oitavo entre dez filhos, Maximilian não podia aspirar à condição de herdeiro da fortuna da família, nem a uma carreira eclesiástica, como ocorria com muitos jovens aristocratas da porção católica da Europa, em função da forte tradição protestante de sua região. Assim, desde muito cedo, revelou inclinação para os estudos e, gradualmente, voltou-se para a História Natural.

Embora muitos pormenores de sua educação e juventude não sejam conhecidos, sabe-se que freqüentou por algum tempo a Universidade de Göttingen,

²¹¹ Cf. **LIEBERSOHN, Harry** - *Aristocratic Encounters: European Travelers and North American Indians*. Cambridge University Press, 1998.



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

onde sofreu forte influência do celebrado Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), um dos fundadores da Antropologia Física.

Em 1802, Maximilian ingressou no exército prussiano, sendo aprisionado quatro anos depois pelos franceses na catastrófica derrota de Auerstedt. Libertado, retomou por sua própria conta os estudos naturalistas, revelando-se já um colecionador incansável e minucioso. Voltou aos estudos em Göttingen em 1811, e, aparentemente nesta época, começou a acalentar o projeto de viajar por regiões distantes, talvez a América do Norte.

Os planos foram interrompidos pela derrota de Napoleão na Rússia e a irrupção das “guerras de libertação” na Alemanha, levando-o de volta ao exército, em 1813. Combatendo no Terceiro Regimento de Hussardos de Brandemburgo, participou da invasão da França (1814), tomando parte em várias batalhas e recebendo a Cruz de Ferro. Entretanto, mesmo em meio à campanha, continuou coletando espécimes de répteis, que transportava em um cavalo.

Foi no episódio da tomada de Paris que o príncipe alemão conheceu Alexander Von Humboldt, encontro que o levaria a definir o objetivo da expedição que pretendia como sendo o Brasil, e não a América do Norte, como planejado originalmente.

Humboldt tinha viajado, entre 1799 e 1804, pela região equinocial da América do Sul, visitando Venezuela, Cuba, Colômbia, Equador, Peru e México. Sua expedição precedeu em pouco tempo a eclosão de processos revolucionários que resultaram na desintegração do império territorial espanhol. Mesmo sendo um aristocrata, Humboldt se envolveu com lideranças rebeldes locais, valendo-se de sua posição para desferir ácidas críticas à política espanhola de colonização e às condições miseráveis da população das regiões que visitou²¹².

²¹² **Kohlhepp, Gerd** – Scientific findings of Alexander von Humboldt’s expedition into the Spanish-american tropics (1799-1804) from a geographical point of view. An. Acad. Bras. Ciênc. [online]. Junho 2005, vol.77, no.2 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652005000200010&lng=en&nrm=iso.

A viagem do Conde Wied-Neuwied começou em junho de 1815, quando ele zarparou da Inglaterra com apenas dois acompanhantes europeus, um dos quais seu jardineiro Simonis, o outro o experiente caçador e taxidermista David Dreidoppel, chegando dois meses depois, ao Rio de Janeiro. Ali, formou-se uma comitiva acrescida de outros dois alemães, o ornitólogo Georg Wilhelm Freyreisse, o botânico Friedrich Sellow e um punhado de caçadores, guias, intérpretes e carregadores portugueses.

O périplo durou dois anos, durante os quais o príncipe se encarregou de registrar, em diário, suas impressões sobre o relevo, a flora e a fauna do território visitado. Mais importante, realizou de próprio punho diversos esboços, desenhos e aquarelas, com a valiosa observação das tribos de índios com os quais a expedição fez contato. Descritos como membros dos grupos Pun, Botocudos e Camacans, alguns deles recém-saídos do canibalismo, tiveram seus costumes e linguagens descritos de forma pormenorizada e desapaixonada nos diários do príncipe.

Ficaria clara a forte e favorável impressão causada nele como explorador, naturalista e etnógrafo pela riqueza natural e pela paisagem luxuriante, repleta da mais diversificada e exótica vida selvagem do planeta. Ao mesmo tempo, as observações a respeito dos índios serviram-lhe para fixar um ponto de vista sobre os povos americanos como um todo, o que se revelaria posteriormente com nitidez. Embora tenha escrupulosamente evitado reproduzir a atitude de Humboldt e se absteído de formular opiniões sobre características da colonização, o príncipe Maximilian demonstrou ter se convencido plenamente das idéias que absorveu do professor Blumenbach, quanto à unidade e à igualdade fundamentais das raças humanas.

Mesmo chocado com práticas como o canibalismo, atribuiu em grande medida a selvageria e a hostilidade dos índios à crueldade e às traições de que eram vítimas em mãos dos brancos.

Nos índios, bem assim na população negra escrava, percebeu potencial intelectual e espiritual equivalente ao que encontrava na sociedade branca dominante, de origem européia.

Argumentou a respeito que crianças índias, quando retiradas de seu ambiente tribal e criadas pelos brancos, demonstravam inteligência e vivacidade em tudo semelhantes às demonstradas pelos filhos de europeus.

A empatia de Maximilian com os indígenas seria reforçada anos depois pelos contatos com as tribos mais avançadas da América do Norte, cujos níveis culturais e espirituais ele consideraria bem mais elevados – ainda que atribuísse essa constatação, pelo menos em parte, ao contato com os brancos.

Apesar dessa objetividade incomum para a época, quando prosperavam noções etnocêntricas de aceitação virtualmente generalizada, Maximilian, por vezes, sucumbia e chegava a demonstrar alguma insensibilidade diante das culturas que encontrava. Isso ficou demonstrado no final de sua viagem pelo Brasil. Mesmo condenando com freqüência o instituto da escravidão (o que voltaria a fazer posteriormente, em relação aos Estados Unidos), comprou um escravo negro e um jovem botocudo, Quack (ou Guack), levando ambos consigo no retorno à Alemanha. O negro morreu pouco tempo depois, mas Quack viveu por mais de uma década, adaptando-se parcialmente ao ambiente europeu.²¹³

Quando regressou do Brasil, em 1817, Maximilian dedicou-se ao difícil trabalho de organizar suas anotações e desenhos em uma obra a ser publicada, que surgiu em 1820-1821 com o nome *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*. (*Viagem pelo interior do Brasil nos anos de 1815 a 1817*. Frankfurt: H. L. Brönnner). Eram dois volumes de textos acompanhados por um terceiro, com litogravuras baseadas em seus esboços originais. As pranchas, contudo, foram

²¹³ Quack sofreu com problemas de bebedeiras, a neve e crises de pneumonia. Morreu em 1833, quando o príncipe estava na América do Norte. Maximilian pensou em levar para casa também um índio dos Estados Unidos, mas desistiu, segundo ele, por entender o apego dos nativos a seu ambiente e, também, em função dos altos custos da viagem de retorno.

substancialmente alteradas, de modo a adequar-se (às custas da exatidão) aos padrões estéticos em vigor na Europa de então. Seguiram-se em rápida sucessão quatro volumes sobre a história natural do Brasil, um livro sobre a fauna brasileira e muitos artigos. Até a atualidade, o trabalho do príncipe Maximilian é considerado uma obra de referência sobre a situação do Brasil nos estágios finais do período colonial, com um papel de alta relevância na documentação do ciclo intermediário que acompanhou o decréscimo do período da mineração nos sertões da Bahia e Minas Gerais e abriu espaço à formação das regiões pastoris. Foi justamente essa a altura em que se empreenderam as expedições que abriram espaço à colonização do chamado Sertão da Ressaca, onde o príncipe, vindo da região de fronteira com Minas, conheceu a vila de Conquista.(Wied-Neuwid, 1940)²¹⁴.

A repercussão favorável, o sucesso editorial das obras e o prestígio como cientista que o príncipe obteve em resultado da viagem estimularam nele a retomada do projeto original de visitar a América do Norte, reproduzindo observações semelhantes àsquelas feitas no Brasil. Desta feita, contudo, optou por modificar a estrutura da nova expedição, acrescentando um reforço decisivo: convidou para acompanhá-lo, além do já experiente Dreidoppel, o jovem artista suíço Karl Bodmer, de apenas 24 anos.

Bodmer, cuja experiência até então limitava-se a pintar paisagens de parques e jardins e jamais se dedicara a retratos, seria ele mesmo protagonista de destaque na nova expedição.

Inicialmente, por suas maneiras refinadas e anacrônicas no ambiente selvagem e rústico da América do Norte. Sempre elegante, Bodmer chamava atenção e despertava comentários jocosos por parte dos guias e dos índios.

²¹⁴ Na obra do Príncipe Maximilian, dois capítulos tratam da passagem pela região da atual Vitória da Conquista, ocorrida por volta dos meses de fevereiro e março de 1816: o capítulo VI, “Viagem de Minas Gerais ao arraial das (*sic*) Conquista”, e o VII, “Viagem de Conquista à capital da Baía e estadia nesta cidade”. Relata-se o encontro do príncipe como Coronel João Gonçalves da Costa, tido como líder da expedição que arrebatara o controle da região aos índios, e mesmo mencionava que o coronel se encarregara, por seus próprios meios, de construir uma estrada pela qual não recebera qualquer reembolso de parte do governo.

Mas o que realmente ganharia destaque foram mesmo seus desenhos e aquarelas, que registravam as paisagens em um estágio imediatamente anterior à ocupação maciça da fronteira de povoamento e, mais importante, documentavam – em muitos casos, pela última vez em que isso seria possível – as tribos das regiões visitadas. Mais que os relatos produzidos posteriormente pelo príncipe, foram os trabalhos de Bodmer que, nos Estados Unidos, ganharam popularidade e sobrevivem até a atualidade como um dos melhores registros históricos dos índios das planícies.

O projeto original elaborado pelo príncipe previa um percurso partindo da região do Labrador, avançando rumo ao sul pelas planícies dos vales dos rios Missouri e Mississippi, onde Lewis e Clark tinham penetrado.²¹⁵ A comitiva partiu da Holanda em abril de 1832.

Assim como ocorreu no Brasil, a viagem durou dois anos, mas várias razões fizeram-na bem menos satisfatória do que a anterior, desenvolvendo em Maximilian sentimentos ambivalentes em relação à América do Norte. Considerou as intermináveis planícies monótonas e depressivas, e citou, com desprazer e em tom de censura, a rudeza dos americanos e seu desdém pela história natural e outros refinamentos da civilização. Também sofreu com o clima severo, com as condições primitivas do percurso e, em seus 50 anos de idade, teve problemas gastrointestinais causados pela infestação de cólera ao longo do rio Ohio, e quase morreu com doenças do frio, no Alto Missouri.

Houve também problemas de outra natureza. Em 1835, o vapor *Assiniboine*, que transportava um grande número de itens das coleções de materiais etnográficos e de história natural coletados por Maximilian, no Alto Missouri e nas Montanhas Rochosas, explodiu e afundou, provocando grande desalento. Isso contribuiu para que grande parte do saldo mais significativo das observações fosse

²¹⁵ Outros trajetos considerados no planejamento incluíram o México e a América Central ou, alternativamente, a Rússia e a região do Mar Cáspio.

mesmo constituído pelo trabalho de Bodmer, reunido em mais de 400 desenhos e aquarelas.

Entretanto, o que fica evidente pela forma com que o príncipe relatou essa segunda grande viagem foi, de fato, sua impressão desvantajosa do que observou, quando comparado às impressões que teve do Brasil. Transparece especialmente a relativa frustração causada pelo fato de os Estados Unidos, àquela altura, terem sido mais intensiva e extensivamente explorados do que o Brasil, bem assim a forma de exploração ali revelar-se muito mais destrutiva e descaracterizadora do ambiente natural original.

De todo modo, o desastre do *Assiniboine* influiu para que o saldo da expedição à América do Norte, quando publicado, fosse menos relevante na dimensão das observações científicas do que no plano das ilustrações, que, todavia, também foram executadas de forma problemática. Em parte, por causa dos “retoques” admitidos por Bodmer, que procurou, na Europa, imprimir aparência mais “heróica” aos modelos índios. E também devido às complicações técnicas da execução das placas de impressão gravadas para a publicação, sob a forma de um Atlas²¹⁶.

²¹⁶ Em defesa de Bodmer, diga-se que a maioria absoluta dos esboços foi reproduzida com fidelidade na publicação, embora tenha havido casos em que se procurou dar maior dramaticidade e ar mais romântico às paisagens. O Atlas tinha o agravante de ser um volume caro, que tornava o preço da obra completa acessível a poucos compradores. Isso contribuiu para uma circulação menor do trabalho sobre a América do Norte do que aquela que obteve a obra sobre o Brasil. Por outro lado, a edição norte-americana do trabalho completo foi objeto de uma forte descaracterização, justificada parcialmente pelo fato de ter sido condensada em um só volume, por questões comerciais, e pela grosseira tradução, feita por H. Evans Lloyd, a partir do original em alemão. Só depois de mais de 60 anos é que o prolífico editor Reuben Gold Thwaites decidiu relançar *Travels in the interior of North America* como parte da coleção *Early Western Travels*, tornando assim o trabalho do príncipe Maximilian acessível ao grande público nos Estados Unidos. Mesmo tentando repor os trechos inteiros suprimidos por Lloyd, Thwaites, não sendo um acadêmico, não conseguiu resgatar integralmente o trabalho, deixando de dar o tratamento adequado, por exemplo, a expressões em latim para muitas espécies da fauna e da flora, nomes de sub-divisões das tribos visitadas e notas de rodapé que indicavam as fontes de informações sobre a história natural e a etnografia. Foram também mantidas fora o texto publicado por Thwaites muitas expressões consideradas “indelicadas” para seus contemporâneos vitorianos. Desse modo, as

CONCLUSÕES

A perda irreparável de qualidade científica do trabalho de Maximilian Von Wied-Neuwied nos Estados Unidos, com o desaparecimento do acervo de amostras que recolheu durante seu trajeto, fez com que essa etapa – melhor planejada que a anterior, no Brasil – ficasse comprometida como parâmetro no que se destinava originalmente, isto é, como fonte de dados para o estudo de história natural e etnológica. Entretanto, isso não diminui seu significado para os objetivos deste texto, já que a simples realização da viagem forneceu elementos para conhecer pormenores importantes da trajetória comparada do projeto colonial em ambos os casos.

Acima de tudo, chama atenção a assimetria, constatada em diversos aspectos, da presença européia nos sertões, em um e outro caso. No Brasil, Maximilian percebeu nitidamente que o interior, contrastando com o panorama litorâneo, era território selvagem, onde a penetração européia se dava de forma marginal e periférica. Por essa razão, o estágio de “pureza” em que se encontravam o ambiente geográfico e as tribos indígenas sobressai com nitidez na descrição do príncipe sobre o Brasil.

Aqui, por outro lado, percebem-se os indícios do modelo de ocupação que, contido durante longo período nos extremos do litoral, impunha um grau intenso de interação com o ambiente, muito mais diversificado aos olhos do naturalista e estudioso e, sob a perspectiva das possibilidades de exploração econômica, muito menos propícia do que as vastas planícies que o príncipe considerou tão monótonas.

Diversamente, nos Estados Unidos o avanço dos colonizadores teve uma dinâmica muito mais invasiva e absoluta, ocorrendo fisicamente no sentido



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

transversal – isto é, partindo da margem oriental do subcontinente em direção ao Oeste – e muito mais definida em termos de que retratava a superposição da supremacia do controle territorial por parte dos eurodescendentes sobre os povos nativos. O relato do príncipe Maximilian descreve um processo absoluto de estabelecimento de poder, no qual não havia relativizações e as características do terreno, ao contrário do que se passava no Brasil, contribuía favoravelmente e de forma decisiva.

Fica clara a vantagem do projeto colonizador empreendido nos Estados Unidos (naturalmente, sob a ótica dos europeus), quando se considera que o *leitmotif* da conquista territorial era o de obter terras e produzir gêneros para o consumo das populações, na faixa litorânea a leste, e fundamentar a expansão para oeste. Esta expansão, vale lembrar, era feita a partir de um espaço já dotado, ele mesmo, de considerável densidade populacional; constituía-se, portanto, em um mercado consumidor em si, em adição ao quanto daquela produção se destinaria à exportação. As populações nativas que se encontravam no extremo da onda colonizadora àquela altura (diferentemente do que sucedera nas etapas iniciais, nos séculos XVII e XVIII) já não eram formadas de povos de cultura agrícola, e sim de caçadores-coletores nômades. Não mantinham, portanto, relação análoga com o ambiente na forma como pretendiam os euro-americanos, e, igualmente, eram muito mais vulneráveis que estes ao desequilíbrio que a povoação dava causa.

No caso brasileiro, Maximilian Von Wied-Neuwied apresenta sociedades nativas e de colonizadores que, a rigor, coincidiam pelo menos no aspecto essencial dos modos em que proviam sua própria subsistência e se organizavam em relação à produção. Isto é, em dimensões e modos que não consideravam, em termos significativos, a perspectiva de existência de um mercado alhures. A fronteira colonial, no caso brasileiro, era seu próprio mercado. Mercado de reduzidas dimensões, de padrões de consumo extremamente modestos e que não demandava nem proporcionava a implantação de redes de trocas de maior vulto (o

que incluía, por exemplo, a construção de estradas e guarnições militares regulares).

Sem pretender conscientemente este resultado, as viagens do príncipe alemão forneceram, assim, um painel bastante elucidativo, compondo um valioso, tanto quanto raro, quadro da simultaneidade com que se processou a ocupação territorial em duas porções tão diversas quanto distantes entre si das Américas.

Produzindo, incansavelmente, até bem mais de 80 anos de idade, o príncipe Maximilian morreu em 3 de fevereiro de 1867. Grande parte de sua coleção de manuscritos inestimáveis, coleções e pinturas foi dispersada pelo mundo, e muitos itens permaneceram esquecidos por muito tempo. Uma das primeiras coisas a serem vendidas foi a coleção com cerca de 4 mil pássaros empalhados, 600 mamíferos e 2 mil peixes e répteis, adquirida pelo Museu de História Natural de Nova York em 1870.

REFERÊNCIAS

An Illustrated Expedition of North America: Bodmer and Maximilian in the American West; texto da Universidade de South Dakota sobre a parceria entre Bodmer e Von Wied-Neuwied (www.usd.edu)

– “*Karl Bodmer’s America at the Metropolitan*” – Texto de Vivien Raynor sobre os trabalhos de Bodmer expostos no Metropolitan Museum de Nova York. Publicado em julho de 1985 no *New York Times*.

– **KOHLHEPP, Gerd.** *Scientific findings of Alexander von Humboldt's expedition into the Spanish-American Tropics (1799-1804) from a geographical point of view.* An. Acad. Bras. Ciênc., June 2005, vol.77, no.2, p.325-342. ISSN 0001-3765. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652005000200010&lng=en&nrm=iso

– **NOLL, Michael G.** *Prince Maximilian of Wied (1782-1867), a german explorer and naturalist.* Valdosta State University, Valdosta, Georgia. Disponível em versão eletrônica em http://www.valdosta.edu/~mgnoll/Prince_Maximilian.htm



ISSN: 2175-5493

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

- *The Gentleman Explorer* –texto publicado pela St. Louis Mercantile Library da Universidade do Missouri, com breve relato sobre o trajeto da comitiva do príncipe;
- *Uma jornada através da região do Nebraska em 1833 e 1834: dos diários do Príncipe Maximilian Von Wied*. Traduzido por William J. Orr, editado por William J. Orr e Joseph C. Porter; disponível em <http://www.nebraskahistory.org>
- **WIED-NEUWIED, Maximiliano, Príncipe de** – *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Refundida e anotada por Oliveira Pinto. Edição Ilustrada Brasileira. Companhia Editora Nacional. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre – 1940.